

BOLETIM DE CONJUNTURA

84

2016

1º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

Contrariando algumas previsões do trimestre passado, os primeiros três meses de 2016 registaram um abrandamento da conjuntura na indústria portuguesa de calçado, provocado essencialmente pela diminuição da produção e da carteira de encomendas. A falta de encomendas de clientes, estrangeiros e nacionais, assim como a concorrência das importações, foram os principais motivos de preocupação do setor. Uma larga maioria das empresas acredita, no entanto, que o estado dos negócios permanece suficiente. Entre as inquiridas, não houve, de novo, registo de empresas com dificuldades financeiras.

Mesmo num contexto de expectativas macroeconómicas cautelosas, para Portugal e para a Europa, as empresas da indústria do calçado estão otimistas em relação ao segundo trimestre do ano, prevendo o aumento da carteira global de encomendas e, conseqüentemente, da produção. Também as expectativas relativas ao emprego são favoráveis, havendo mais empresas a prever contratar do que dispensar pessoas. Estas expectativas são, em parte, justificadas pelos sinais positivos dados pelo consumo interno nacional.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

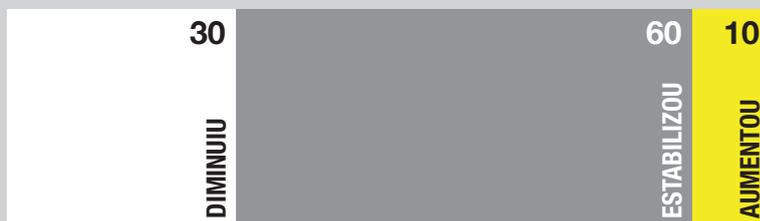
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

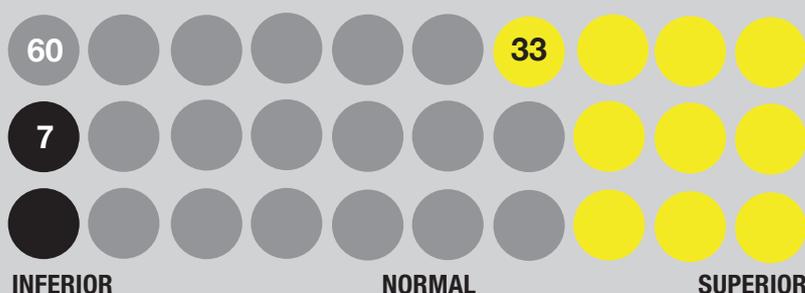
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

Mais de metade das empresas inquiridas (60%) consideraram que a sua produção estabilizou, durante o primeiro trimestre de 2016, havendo, também, uma percentagem assinalável (11%) que registou um aumento. O saldo de respostas extremas (s.r.e.) manteve-se, no entanto, num valor negativo (-20%), como aconteceu nos últimos dois trimestres, contrariando as expectativas de retoma que as empresas tinham para este período. As empresas com mais de 250 trabalhadores foram as únicas com s.r.e. positivo.



Utilização da Capacidade



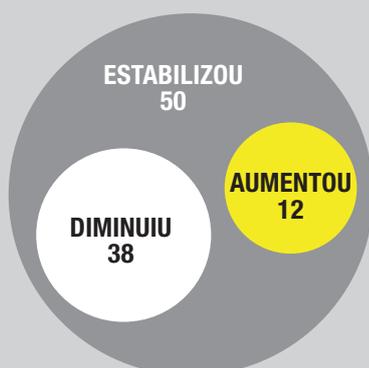
Sessenta por cento das empresas que responderam ao inquérito consideraram que a utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano. Ainda assim, continua a haver mais empresas a considerarem que a utilização da capacidade está abaixo do normal (33%) do que as que consideram que está acima (7%). Daqui resulta um s.r.e. de -26%, o que representa um abrandamento da conjuntura face aos -13% do trimestre anterior.

Carteira de Encomendas

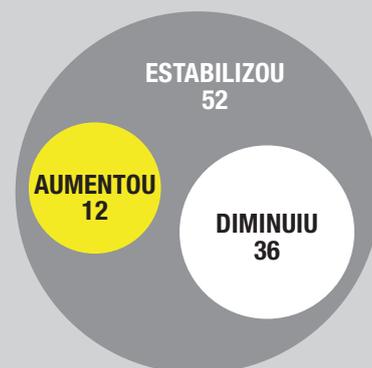
Também no que diz respeito à carteira global de encomendas, este trimestre apresentou sinais de alguma desaceleração. Das empresas que responderam ao inquérito, a maioria (50%) considera que as encomendas se mantiveram estáveis e 12% responderam mesmo que houve um acréscimo. Contudo, houve ainda uma percentagem significativa de empresas (38%) que viu as suas encomendas a diminuir, gerando um s.r.e. negativo (-26%), dos mais baixos dos últimos anos.

A tendência de resposta relativa às encomendas de clientes estrangeiros foi idêntica. Mesmo com mais de metade das empresas a responderem que viram estabilizar (52%) ou aumentar (12%) as suas encomendas do exterior, o s.r.e. (-24%) agravou-se face ao trimestre anterior (-18%), atingindo o valor mais baixo desde 2009. As empresas de pequena dimensão foram as que mais contribuíram para este resultado.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



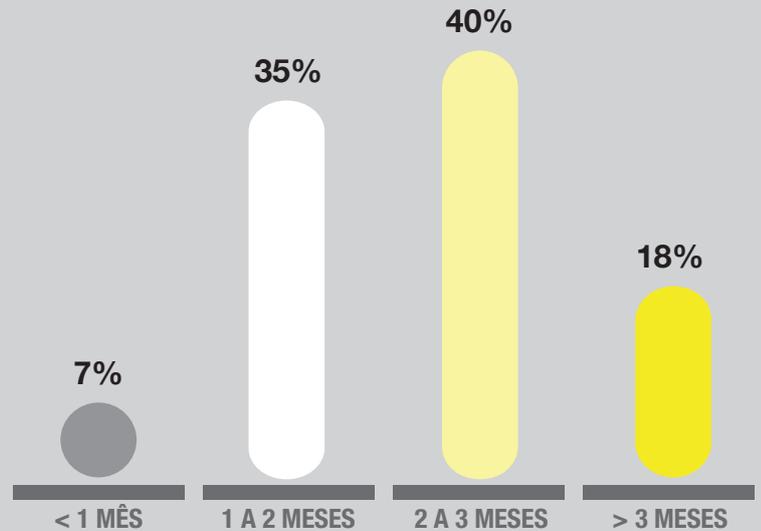
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

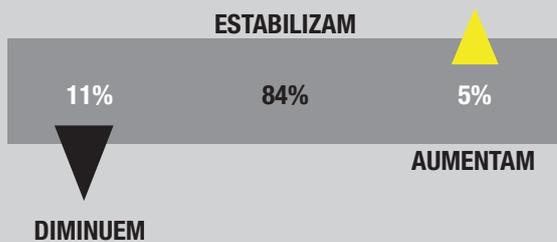
Apesar do abrandamento da atividade patente nas respostas anteriores, a percentagem de empresas que afirmam que a carteira de encomendas lhes garante menos de um mês de atividade é apenas 7%, o valor mais baixo dos últimos dois anos. Também os 18% de inquiridos que dizem ter mais de três meses de produção assegurada podem ser vistos como um indicador positivo, tendo em conta o desempenho do setor neste trimestre.



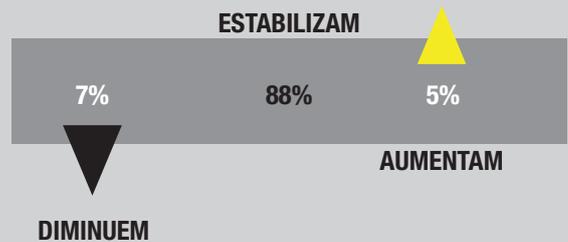
Preços

No que toca aos preços, as respostas são quase unânimes, com 84% das empresas a considerarem que os preços em Portugal se mantiveram estáveis e 88% a responderem o mesmo no que toca aos preços no estrangeiro. Justificado em parte pela conjuntura económica do país, 11% dos inquiridos consideram que os preços de venda em Portugal baixaram face ao trimestre anterior e apenas 5% afirmam ter aumentado. Este resultado, contrariamente às expectativas apontadas para o trimestre, traduziu-se num s.r.e. de -6%. Os preços de venda no estrangeiro também registaram um s.r.e. negativo, mas de apenas -2%.

EM PORTUGAL



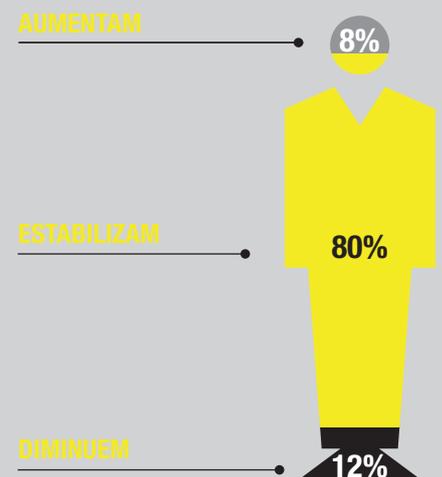
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

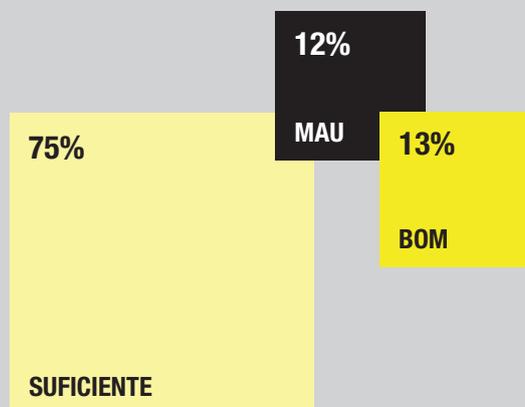
O emprego no setor mantém-se estável para 80% das empresas que responderam ao inquérito e não apresentou grandes variações face ao trimestre anterior. Apesar do s.r.e. continuar negativo (-4%), como aconteceu o trimestre passado, 8% das empresas tiveram necessidade de recrutar trabalhadores durante o 1º trimestre de 2016. As empresas moderada e fortemente exportadoras foram as que sentiram maior necessidade de verem reforçadas as suas equipas.



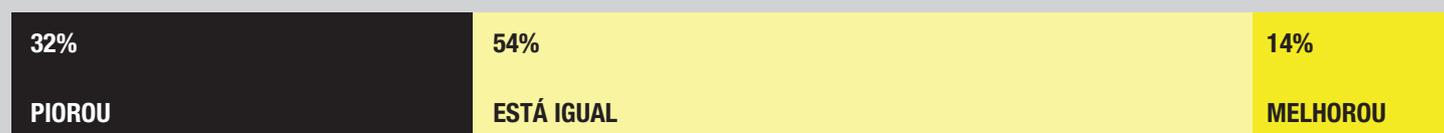
Estado dos negócios

Apesar da tendência de abrandamento da atividade que se tem registado nos últimos trimestres, três quartos das empresas entendem que o estado dos negócios continua suficiente. Houve mesmo 13% de inquiridos que consideraram que permanece bom e apenas 12% que entendem que é mau. Apesar de baixo (1%), o s.r.e. continua positivo e acima das previsões do trimestre passado.

Os efeitos do abrandamento da atividade são, no entanto, manifestos na comparação com o período homólogo de 2015: apesar de metade (54%) das empresas considerarem que o estado dos negócios no 1º trimestre de 2016 se manteve igual, 32% responderam que piorou e apenas 14% que melhorou. O s.r.e. foi, assim, de -20%, um dos valores mais baixos dos últimos trimestres.



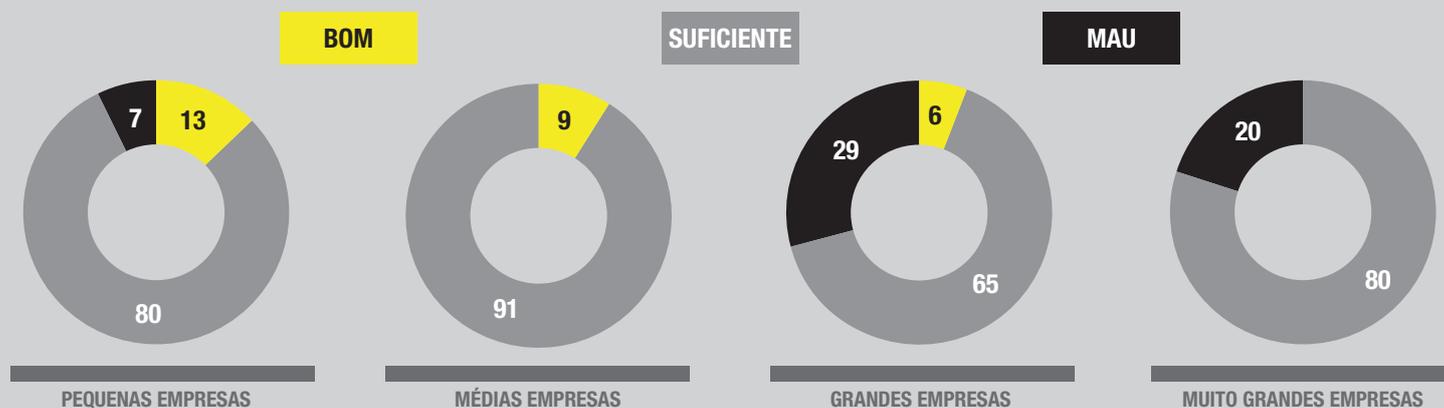
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

O contexto de relativa estagnação da economia portuguesa não impediu 83% das empresas orientadas para o mercado nacional de considerarem suficiente o estado atual dos negócios. Contudo, os inquiridos virados para o mercado externo foram mais otimistas, com quase um quarto (23%) das empresas fortemente exportadoras a responderem que o estado dos negócios se encontra

bom. A dimensão da empresa, neste trimestre, está positivamente relacionada com a opinião dos inquiridos: quanto maior a dimensão, maior a percentagem de empresas que responderam que o estado dos negócios se encontrava bom. Em termos de peso da coleção própria nas vendas, foram as empresas sem coleção própria que melhor avaliaram o trimestre.



Limitações à produção

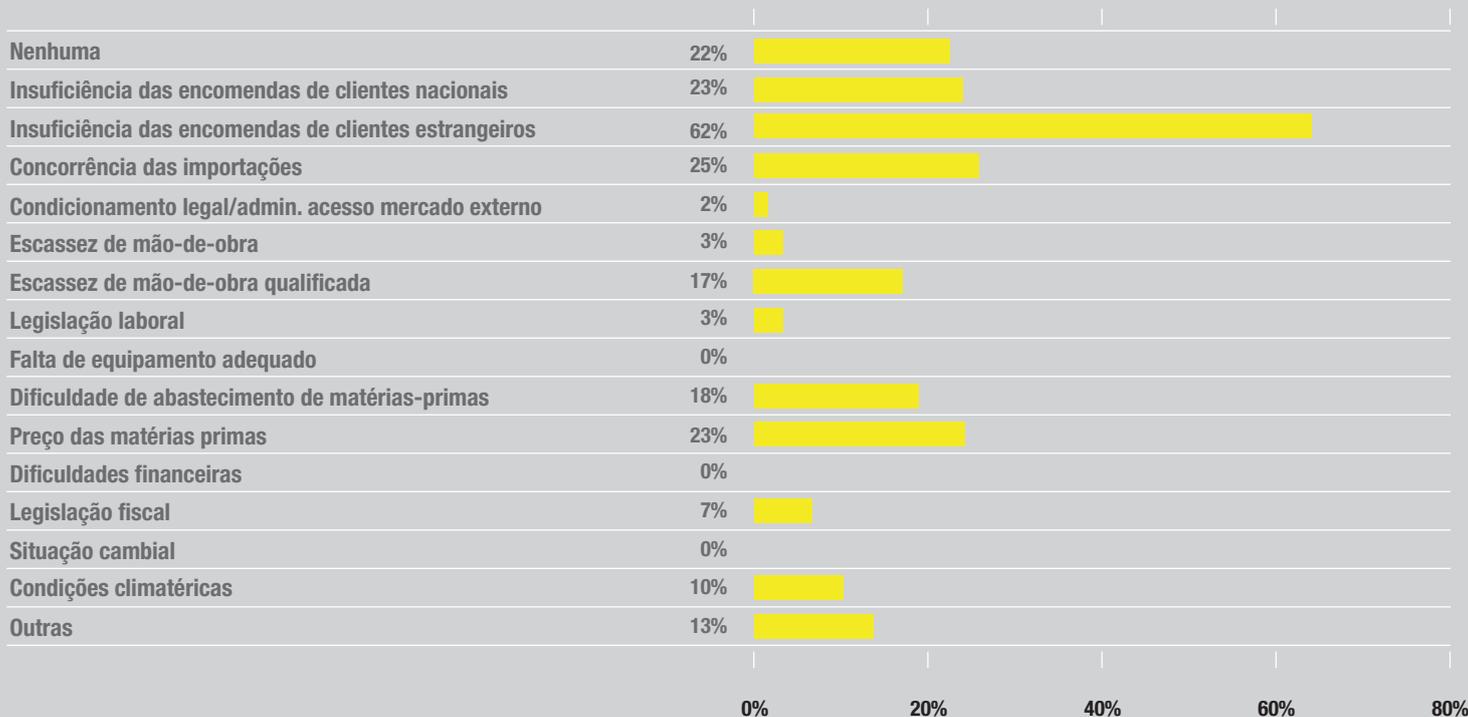
Mesmo num cenário de abrandamento económico e com algum retrocesso na conjuntura global do setor do calçado, nenhuma das empresas inquiridas respondeu que se encontrava com dificuldades financeiras, contrariamente às previsões do trimestre passado. A percentagem das que responderam não terem sentido nenhuma dificuldade no primeiro trimestre de 2016 foi de 22%, em linha com as previsões formuladas no trimestre anterior.

À semelhança do que se vem a observar há já alguns trimestres, a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros continua a liderar a tabela das limitações, com 62% das empresas a enumerá-la como uma das dificuldades encontradas. A insuficiência de encomendas de clientes nacionais e a concorrência das importações representam, também, uma preocupação para aproximadamente um quarto dos inquiridos, valores que são mais significativos do que aqueles que eram esperados.

Com a desaceleração da atividade produtiva, a necessidade de fatores de produção não é tão significativa, não surpreendendo, por isso, que apenas 17% das empresas mencionem sentir escassez de mão-de-obra qualificada, contra 24% que tinham afirmado o mesmo no trimestre anterior. Já a escassez de mão-de-obra, em geral, continua a não ser uma preocupação da indústria, sendo mencionada por apenas 3% dos inquiridos, o que se justifica pela ténue recuperação do emprego a nível nacional.

Apesar do abrandamento da atividade, a percentagem de referências a dificuldades no abastecimento de matérias-primas (18%) permaneceu inalterada e houve mesmo um acréscimo na percentagem de empresas (23%) que mencionam o preço das matérias-primas como uma das dificuldades com que estão confrontadas.

De registar ainda que nenhuma empresa considerou que a situação cambial fosse um obstáculo à atividade, apesar da valorização do euro a que se tem assistido nos últimos meses. No entanto, 11% das empresas inquiridas consideraram que as condições climatéricas eram agora uma dificuldade e 13% queixaram-se de outras limitações não especificadas.



Tendências da produção

Para o segundo trimestre do ano, as empresas do setor do calçado estão bastante otimistas: 35% das inquiridas esperam aumentar a sua produção, enquanto apenas 15% esperam vê-la diminuir. O s.r.e. é assim de 20 pontos percentuais, continuando a tendência de expectativas

positivas do trimestre anterior. As empresas sem coleção própria são as mais otimistas para o próximo trimestre, sendo o s.r.e. decrescente com o peso da produção de coleção própria nas vendas.

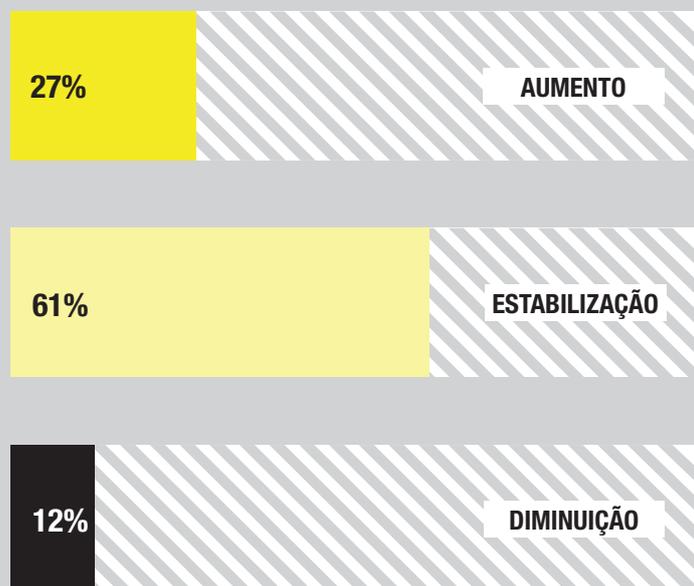


Perspectivas de encomendas

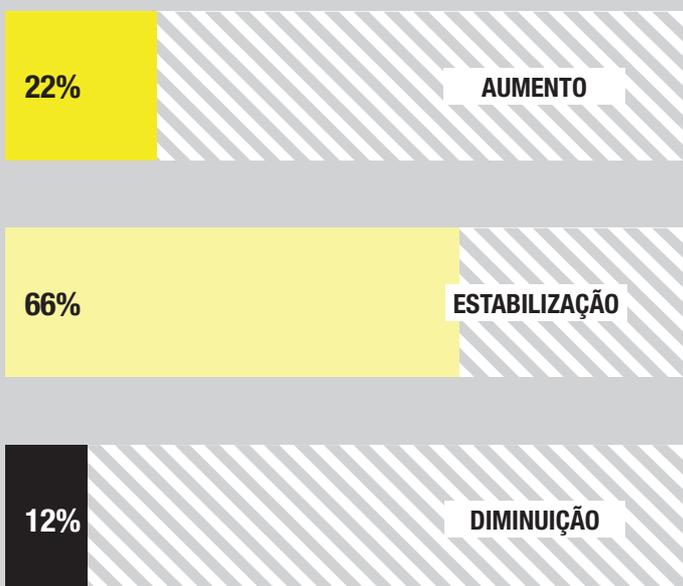
Também as perspetivas da carteira global de encomendas para o próximo trimestre são de melhoria. Vinte e sete por cento das empresas inquiridas esperam ver a sua carteira global de encomendas a aumentar, 61% contam que ela estabilize e apenas 12% esperam que diminua. O s.r.e.

é, por isso, positivo (15%), invertendo o que se verificou nos três trimestres anteriores. No que toca à carteira de encomendas do estrangeiro, o s.r.e. apresentou melhorias face às previsões do trimestre passado, atingindo agora um valor positivo de 10%.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

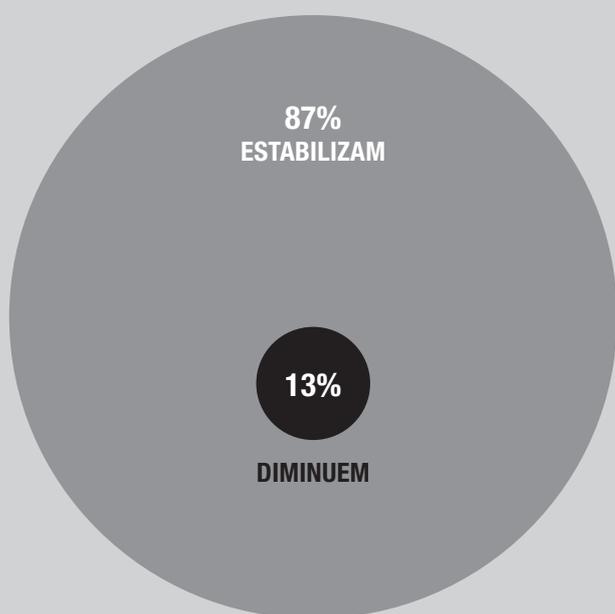


Perspetivas de preços de venda

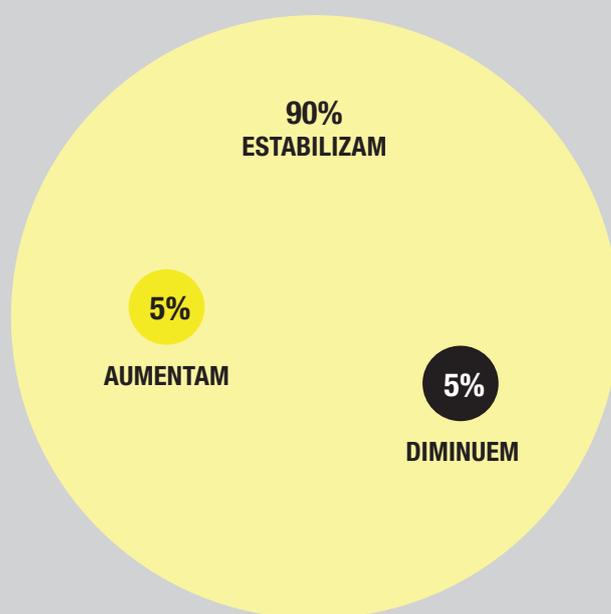
A previsão para os preços de venda em Portugal é de que permaneçam estáveis, durante o 2º trimestre de 2016, com uma grande maioria das empresas (87%) a responder que não preveem alterar os preços, 13% a esperar uma diminuição e nenhuma com expectativa de os aumentar. As previsões económicas continuam a dar conta de baixas

taxas de inflação na Europa, facto que influencia também as expectativas das empresas relativamente à subida de preços no estrangeiro, com 90% das inquiridas a acreditar que se manterão estáveis, 5% a esperar que aumentem e outras tantas que diminuam.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

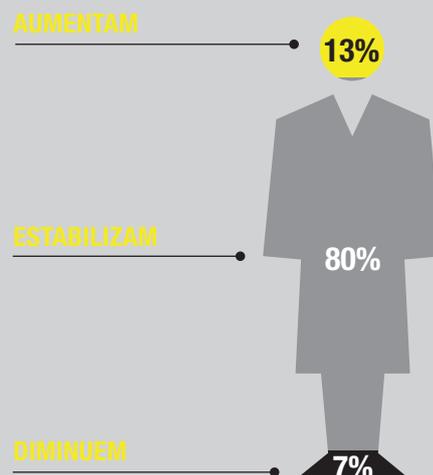


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

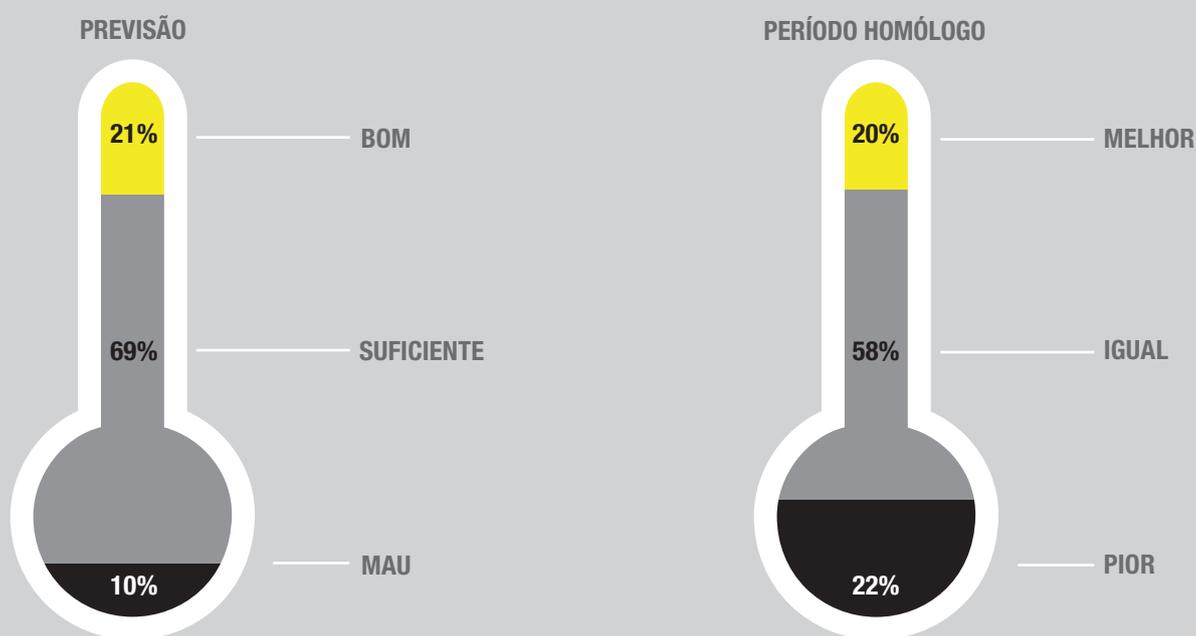
Embora a grande maioria das empresas (80%) aponte para uma estabilidade no nível de emprego na indústria, o saldo de repostas extremas registou uma melhoria significativa em comparação com as previsões do trimestre anterior, sendo agora de 6%. As empresas orientadas predominantemente para o mercado nacional são as únicas que apresentam s.r.e. negativo e, aliás, as únicas entre as quais nenhuma espera aumentar o emprego.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

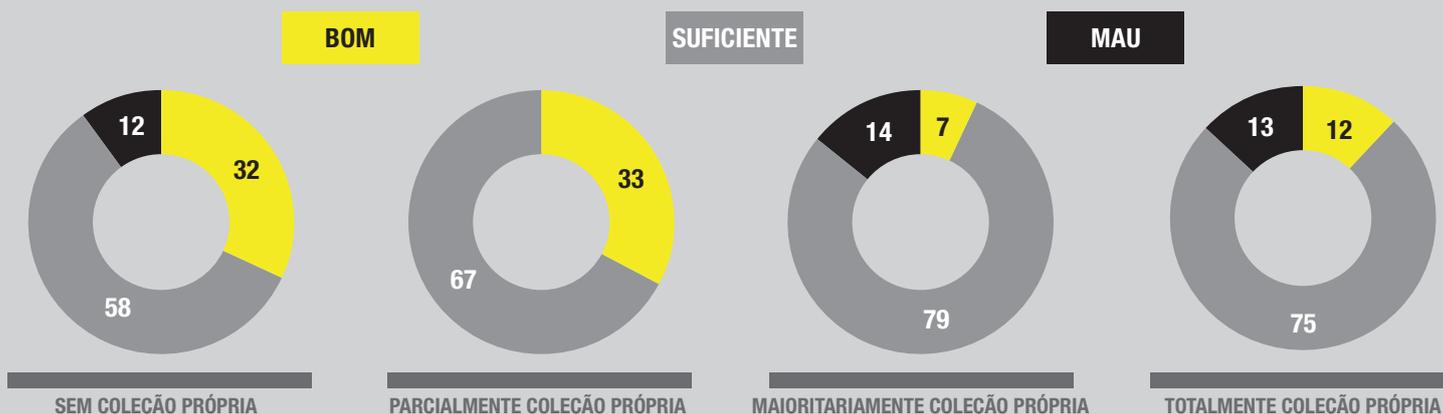
A grande maioria das empresas (69%) acredita que, no segundo trimestre, o estado dos negócios se manterá suficiente, havendo mesmo 21% que esperam que venha a ser bom e apenas 10% a prever que seja mau. Este s.r.e. de 11% é o mais elevado dos últimos dois anos, traduzindo uma expectativa de melhoria da conjuntura.

Esta melhoria não deve, no entanto, ser ainda suficiente para compensar integralmente o abrandamento da atividade verificado nos últimos trimestres: as empresas que preveem que o estado dos negócios no 2º trimestre de 2016 seja melhor do que no período homólogo do ano anterior são inferiores em 2 pontos percentuais às que acreditam que será pior.



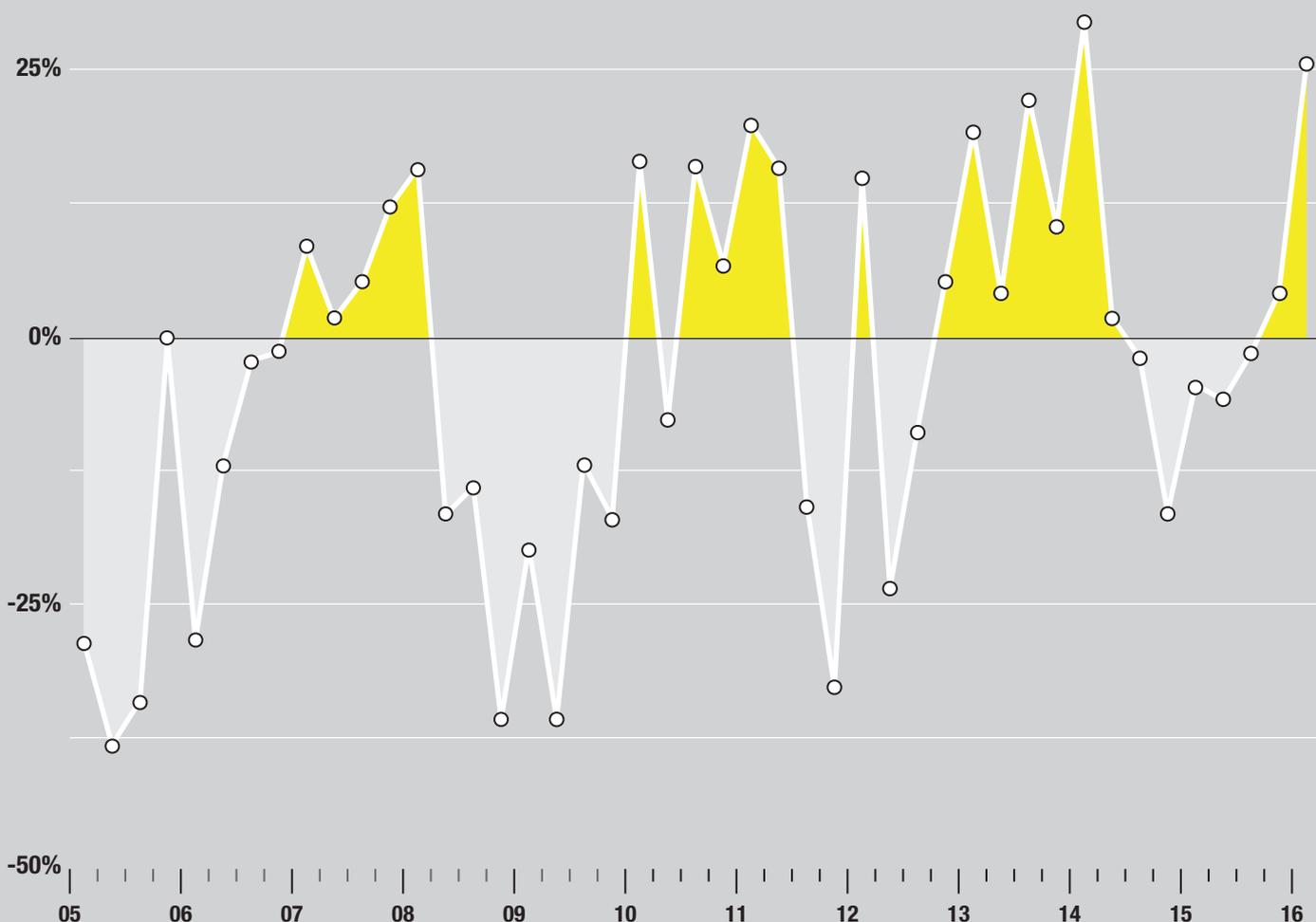
Apuramento dos resultados

Embora as expectativas positivas quanto ao estado dos negócios no 2º trimestre sejam relativamente generalizadas dentro da indústria, as empresas com menor peso da coleção própria nas vendas são as mais otimistas. Entre as que não têm coleção própria, as que acreditam que o próximo trimestre será melhor do que 2º trimestre de 2015 excedem mesmo as que pensam o contrário. A orientação de mercado e a dimensão não mostram relação significativa com as previsões das empresas nesta matéria.



Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

As expectativas otimistas em algumas respostas obtidas no inquérito, nomeadamente quanto à produção, à carteira de encomendas e ao estado dos negócios, influenciaram positivamente o indicador síntese de expectativas empresariais. Este indicador encontra-se agora em valores mais elevados do que os observados durante os últimos dois anos, aproximando-se das expectativas positivas que se tinham registado no primeiro trimestre de 2014.



Apesar de se esperar que continuem a ser a principal preocupação das empresas no 2º trimestre de 2016, prevê-se que haja um desagravamento no que toca à escassez de encomendas de clientes estrangeiros, de 62% para 53%. Espera-se ainda um ligeiro desagravamento da escassez de encomendas de clientes nacionais, de 23% para 22%, e da concorrência das importações, de 25% para 23%, refletindo uma melhoria da situação nos mercados. Por outro lado, as empresas preveem um ligeiro agravamento das dificuldades

relacionadas com a escassez de mão-de-obra (de 4% para 5%) e, sobretudo, de mão-de-obra qualificada (de 16% para 20%). Em contrapartida, há menos empresas a esperarem preocupar-se com as condições climatéricas e com possibilidade de surgirem outras dificuldades não especificadas. A percentagem de empresas que acredita não vir a sentir nenhuma dificuldade no próximo trimestre é ligeiramente superior (26%) à observada neste trimestre, corroborando assim as expectativas de melhoria da conjuntura.

Notas de Conjuntura

O Núcleo de Estudos sobre a Conjuntura da Economia Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa estima que, no início deste ano, a economia portuguesa tenha continuado a abrandar:

“No 1º trimestre de 2016, a economia portuguesa deve ter registado um crescimento de apenas 0.1% face ao trimestre anterior e um crescimento homólogo de 0.8%. Esta estimativa sugere que o abrandamento económico observado no segundo semestre de 2015 se prolongou ao presente ano. (...) a economia portuguesa encontra-se num compasso de espera que se manifesta num adiamento da recuperação do investimento. As exportações também apresentam um menor fulgor como resultado de uma ligeira deterioração das perspetivas em torno da economia mundial e, porventura, da apreciação do euro registada neste início de 2016.

(...) a nova previsão de crescimento para 2016 é de 1.3%, uma redução de 0.7 pontos percentuais (p.p.) face à previsão anterior, o que constitui uma ligeira desaceleração face a 2015 (crescimento de 1.5%).”

NECEP/CEA Católica Lisbon, Síntese da Folha Trimestral de Conjuntura nº44, 1º Trimestre de 2016

A Comissão Europeia publicou em maio as suas previsões económicas da primavera. Relativamente a Portugal, a Comissão entende que:

“O PIB real aumentou 1,5% em 2015 e desacelerou na segunda metade do ano. A recuperação perdeu ímpeto devido a um crescimento menos exuberante do investimento no final do ano. (...) O consumo privado fortaleceu-se em 2015 devido a uma significativa queda na poupança das famílias e a desenvolvimentos favoráveis no mercado de trabalho. A procura externa líquida continuou a travar o crescimento real do PIB mas em menor medida do que no ano anterior devido a um crescimento mais robusto das exportações na primeira metade de 2015.

(...) Prevê-se que o consumo privado perca ímpeto em 2016 e 2017 devido a impostos indiretos mais altos e a uma ligeira retoma nos preços da energia. (...) espera-se que o PIB português aumente 1,5% em 2016 e 1,7% em 2017. Os riscos para as projeções macroeconómicas são predominantemente negativos e estão relacionados com a incerteza política, com desenvolvimentos nos mercados financeiros e com a persistente pressão para a redução da alavancagem no setor privado.”

Comissão Europeia, European Economic Forecast, Primavera de 2016*

A Comissão Europeia mostra-se também muito prudente quanto aos outros países membros da União Europeia. Para a Área Euro, as previsões são de um crescimento do PIB de 1,6% em 2016 e 1,8% em 2017, apenas marginalmente superiores às indicadas para Portugal. No conjunto da UE, o crescimento deverá ser pouco maior, 1,8% em 2016 e 1,9% no ano seguinte. Entre os principais mercados do calçado português, a economia espanhola deverá ser a que mais cresce, cerca de 2,5% ao ano. O crescimento previsto para a Alemanha é de 1,6% ao ano e para França de 1,3% em 2016 e 1,7% em 2017. Mas a Comissão salienta que:

“A incerteza que rodeia estas projeções é substancial e as perspetivas económicas europeias estão expostas a consideráveis riscos negativos. Na componente externa, o risco de que o abrandamento do crescimento nas economias emergentes de mercado, particularmente na China, possa desencadear repercussões mais fortes ou revelar-se mais acentuado do que atualmente projetado mantém-se particularmente relevante (...). A incerteza ligada a tensões geopolíticas permanece elevada (...). Alterações abruptas nos preços do petróleo ou turbulência financeira poderiam também abrandar o crescimento europeu.

Na componente doméstica, os riscos associados a políticas europeias permanecem consideráveis, como por exemplo o ritmo de implementação de reformas estruturais e a incerteza na iminência do referendo do Reino Unido sobre a União Europeia.”

Comissão Europeia, European Economic Forecast, Primavera de 2016*

Na edição de abril do World Economic Outlook, o Fundo Monetário Internacional continuou a rever em baixa as suas previsões. O FMI estima agora que, em 2016, o PIB mundial cresça apenas 3,2%. Entre as economias avançadas não europeias, os EUA deverão crescer 1,9% e o Japão apenas 0,5%. As economias emergentes mantêm uma taxa média de crescimento superior, 4,1%, mas também em rápido abrandamento, devido à travagem da economia chinesa, para 6,5%, e à continuação da recessão no Brasil (-3,8%) e na Rússia (-1,8%). O subtítulo desta edição do WEO, “Demasiado devagar há demasiado tempo”, traduz a preocupação do FMI com o fraco dinamismo da economia internacional.

*Tradução nossa

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE